



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO**

BRUNA RAQUEL COUTO CARNEIRO

**ARRANJOS LABORAIS NO WEBJORNALISMO DO G1 PARAÍBA E JORNAL DA
PARAÍBA A PARTIR DA PANDEMIA DA COVID-19**

**CAMPINA GRANDE
2021**

BRUNA RAQUEL COUTO CARNEIRO

**ARRANJOS LABORAIS NO WEBJORNALISMO DO G1 PARAÍBA E JORNAL DA
PARAÍBA A PARTIR DA PANDEMIA DA COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento de Comunicação
Social, Curso de Jornalismo, da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Verônica Almeida de Oliveira Lima

**CAMPINA GRANDE
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C289a Carneiro, Bruna Raquel Couto.
Arranjos laborais no webjornalismo do G1 Paraíba e Jornal da Paraíba a partir da pandemia da Covid-19 [manuscrito] / Bruna Raquel Couto Carneiro. - 2021.
34 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Verônica Almeida de Oliveira Lima, Departamento de Comunicação Social - CCSA."

1. Arranjos laborais. 2. Pandemia. 3. Covid-. 4. Webjornalismo. 5. Rotinas produtivas. I. Título

21. ed. CDD 070.4

BRUNA RAQUEL COUTO CARNEIRO

ARRANJOS LABORAIS NO WEBJORNALISMO DO G1 PARAÍBA E JORNAL DA
PARAÍBA A PARTIR DA PANDEMIA DA COVID-19

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento de Comunicação
Social, Curso de Jornalismo, da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Área de concentração: Jornalismo Digital e Cibercultura.

Aprovada em: 24 / 09 / 2021.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Verônica Almeida de Oliveira Lima (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Kleyton Jorge Canuto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Me. Ana Maria de Sousa Pereira
Cesrei Faculdade

Dedico este TCC a mainha e painho, que com tanta dedicação sempre investiram e insistiram em mim e em tudo que me faz sonhar. Sem eles, eu nunca teria chegado até aqui. Por eles, sei que é apenas o começo.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	WEBJORNALISMO E SUAS RAMIFICAÇÕES NA PANDEMIA	7
3	ROTINAS PRODUTIVAS NO CONTEXTO PANDÊMICO	13
4	METODOLOGIA	18
4.1	Os veículos analisados	19
4.2	Rotinas produtivas e arranjos laborais	21
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
	REFERÊNCIAS	29
	ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	32

ARRANJOS LABORAIS NO WEBJORNALISMO DO G1 PARAÍBA E JORNAL DA PARAÍBA A PARTIR DA PANDEMIA DA COVID-19

Bruna Raquel Couto Carneiro¹

RESUMO

O presente artigo busca descrever os arranjos laborais adotados pelo G1 Paraíba e Jornal da Paraíba a partir do advento da pandemia da Covid-19, em março de 2020. Para isso, fundamenta-se no aporte teórico-metodológico da pesquisa participante, com a presença da autora no campo de pesquisa, e da entrevista em profundidade, ouvindo profissionais envolvidos, somadas ao estudo bibliográfico para, mediante a triangulação de dados, discorrer sobre o tema proposto. Os preceitos do webjornalismo apresentados por Canavilhas (2014), bem como a relevância dos veículos de comunicação tradicionais no combate à desinformação durante o contexto analisado, pontuados por Ferrareto e Morgado (2020), e ainda conceitos como socialidade, exposto por Maffesoli (1999), e critérios de noticiabilidade, debatidos por Wolf (1999), foram considerados. Constatou-se a adoção de arranjos laborais como a migração do trabalho presencial para *home office*, o uso de TICs para garantir a sociabilidade, e a prioridade dada às notícias sobre a pandemia, nos portais analisados.

Palavras-chave: Arranjos Laborais. Pandemia. Covid-19. Webjornalismo. Rotinas Produtivas.

ABSTRACT

The present article seeks to describe the laboral arrangements adopted by G1 Paraíba and Jornal da Paraíba starting with the advent of the Covid-19 pandemic, in March 2020. For that reason, based on the methodological-theoretical contribution of the participant research, with the presence of the author on the research field, the in-depth interview, listening to the professionals involved, added to the bibliographical study to, through the triangulation of data, discourse about the proposed theme. The precepts of web journalism presented by Canavilhas (2014), as well as the relevance of traditional media in combating misinformation during the analyzed context, punctuated by Ferrareto and Morgado (2020), and also concepts such as sociality, exposed by Maffesoli (1999), and newsworthiness criteria, discussed by Wolf (1999), were considered. The adoption of laboral arrangements can be verified as the migration from the face-to-face work to the home office, the use of ICTs to guarantee the sociability and the priority given to the news regarding the pandemic on the analyzed news websites.

Keywords: Labor Arrangements. Pandemic. Covid-19. Webjournalism. Productive Routines.

¹ Graduanda no curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: bruna.carneiro@aluno.uepb.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

A pandemia causada pelo surgimento do SARS-CoV-2, o novo coronavírus, impôs ao mundo pós-moderno uma realidade jamais enfrentada. A investigação de um pequeno surto de doença respiratória na Ásia, que parecia ser uma ameaça distante no fim de 2019, ganhou relevância no ano seguinte, 2020, e até o período deste estudo, agosto de 2021, permanece ocupando o centro da atenção mundial. Nos séculos passados, epidemias como a de sífilis e varíola já haviam devastado populações, mas somente a partir da Covid-19 uma nova e ainda incerta realidade de ordem mundial foi estabelecida, com a adoção de cuidados específicos de distanciamento social e, conseqüentemente, reorganização de setores importantes ao desenvolvimento da humanidade, como a economia, a política, o trabalho, etc.

Para além da crise sanitária provocada pela doença que já vitimou milhões de pessoas Brasil afora², diversas esferas também foram impactadas diretamente por esta nova realidade, sobretudo, o próprio convívio social, não mais estabelecido apenas de maneira presencial, mas necessariamente modificado a partir da inserção de tecnologias que pudessem garantir a continuação da vida em sociedade; outrossim, o mundo do trabalho, afetado não apenas no que diz respeito às interações próprias aos ambientes corporativos, como também às receitas financeiras das empresas; conseqüentemente, a forma de trabalho, cujas mudanças enfrentadas impactam não apenas o resultado de processos outrora realizados nos mais diversos ramos, como também as etapas destes processos.

Neste contexto, pode-se provocar um debate acerca das mudanças impostas em âmbitos sociais específicos a partir da pandemia da Covid-19. Neste artigo, mais estritamente, atenta-se ao jornalismo, mais especificamente, ao webjornalismo, a partir da perspectiva de que, assim como outros setores, este também desempenha um trabalho socialmente relevante e que, da mesma forma, precisou ter seu processo produtivo adaptado para garantia de seu produto: a informação. Entende-se estas adaptações como sendo arranjos laborais, criados para assegurar o trabalho realizado durante a crise sanitária provocada pela pandemia da Covid-19.

Considerando tal conjuntura, esta pesquisa objetiva analisar e descrever os arranjos laborais adotados nas rotinas produtivas do G1 Paraíba e do Jornal da Paraíba, veículos de webjornalismo de um dos maiores grupos de comunicação do estado, a Rede Paraíba de Comunicação, a partir do advento da pandemia da Covid-19. Parte-se da hipótese de que tais arranjos puderam garantir a continuidade do trabalho desempenhado pelos profissionais dos

² De acordo com os dados mais recentes da Organização Mundial da Saúde (OMS), divulgados em julho de 2021, mais de 4 milhões de pessoas morreram vítima de Covid-19 no mundo.

veículos analisados, uma vez que conseguiram oferecer o suporte técnico e sanitário necessário ao fazer jornalístico durante o contexto pandêmico. Além disso, objetiva-se realizar um debate sobre a importância destes arranjos para a resistência do jornalismo contemporâneo, a fim de documentar tal realidade histórica.

A escolha deste tema, e por conseguinte, do G1 Paraíba e do Jornal da Paraíba como *locus* deste estudo, considera inicialmente o vínculo de estágio existente entre a autora do trabalho e a empresa. O recorte dos dois veículos, e não apenas de um deles, se justifica pela unificação da equipe, cujo trabalho é desempenhado de maneira conjunta e a partir da mesma lógica de produção. Essencialmente, no entanto, o tema posto em debate fora escolhido partindo do pressuposto de que a observação dos processos de transformação das organizações de comunicação, bem como seus efeitos sobre o trabalho dos profissionais, deve ser identificada e consolidada para fortalecer as estruturas do jornalismo profissional (MICK; KIKUTI, 2020). Acrescentando a isto o caráter essencial do jornalismo durante a pandemia da Covid-19, e não obstante, a importância do webjornalismo, que tem atuado diretamente no combate à disseminação da doença.

Para isso, como aporte teórico-metodológico utilizou-se entrevista em profundidade, a fim de ouvir os relatos dos profissionais envolvidos e entender os pormenores que cercaram o trabalho dos jornalistas dos portais analisados no período proposto. Considerando a presença da autora no ambiente estudado, a pesquisa participante também foi utilizada como metodologia de coleta de dados, de modo a garantir a explanação de questões presentes no dia a dia, importantes à reflexão científica. Além disso, foram consideradas as colaborações científicas de autores referências nas discussões que cercam o tema proposto, pontuados a partir de pesquisa bibliográfica para assegurar debates ainda mais aprofundados.

2 WEBJORNALISMO E SUAS RAMIFICAÇÕES NA PANDEMIA

Na história moderna, o advento de surtos virais sem precedentes era desconhecido até meados de 2019, quando a humanidade passou a lidar com a ameaça de um vírus altamente contagioso e mortal. Em um mundo globalizado para além das mídias digitais, conectado por meios de transporte que permitem a livre circulação de pessoas entre os continentes, o SARS-CoV-2, novo coronavírus, que posteriormente seria classificado como sendo o causador da doença Covid-19, rapidamente saiu de Wuhan, província ao sul da China onde foi encontrado inicialmente, e se espalhou por vários países ainda nos primeiros meses de 2020. Pouco depois, países da Europa, como a Itália, passaram a lidar com uma verdadeira catástrofe. Foi quando a

então epidemia local começou a ser tratada como pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS)³.

No Brasil, o Ministério da Saúde (MS) confirmou o primeiro caso de Covid-19 em fevereiro do mesmo ano. Um homem de 61 anos, morador de São Paulo, no Sudeste do país, com histórico de viagem para a Itália, na Europa⁴. À época, a contaminação pelo novo coronavírus era investigada apenas em poucas pessoas, todas com históricos recentes de viagens ao exterior, vindas de países onde a pandemia já fazia vítimas, como no continente europeu e até mesmo na China, onde os primeiros casos foram registrados. Logo depois, os órgãos de controle sanitário confirmaram a circulação comunitária do vírus em várias partes do país⁵, e em março de 2020, o Brasil registrou a primeira morte provocada pela Covid-19⁶ - um homem de 62 anos, residente em São Paulo, segundo o MS.

Pouco mais de um ano e seis meses depois do início da pandemia no Brasil, mais de quinhentas mil vidas foram perdidas vítimas da Covid-19. Na Paraíba, mais restritamente, onde este estudo concentra suas investigações, mais de nove mil pessoas faleceram vítimas da doença. Entre as vítimas, profissionais da imprensa, que continuaram trabalhando para informar a população sobre o que de mais importante acontecia no momento. Segundo o último levantamento feito pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ)⁷, até agosto de 2021, 278 jornalistas morreram vítimas de Covid-19 no Brasil, tornando-o o país com o maior número de profissionais mortos pela doença.

Foi neste cenário que vários setores da sociedade precisaram redobrar esforços para dar continuidade a atividades que poderiam auxiliar no enfrentamento à pandemia. Sobretudo, os profissionais da saúde, que no Brasil foram ancorados nos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS)⁸ para prestar assistência médica a todo e qualquer cidadão que viesse a precisar de atendimento em hospitais públicos de todo o país. Outrossim, os profissionais da imprensa, cujo serviço prestado foi reconhecido pelo Governo Federal através do Decreto 10.288, de 22 de março de 2020⁹, como sendo essencial à população, em um documento que regulamenta a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, e delimita os serviços essenciais prestados à sociedade (BRASIL, 2020a, p. 01).

³ Disponível em: <<https://urlzs.com/vB4qH>>. Acesso em: 9 de ago. 2021

⁴ Disponível em: <<https://urlzs.com/7tfn9>>. Acesso em: 26 de ago. 2021

⁵ Disponível em: <<https://urlzs.com/CwPxr>>. Acesso em: 26 de ago. 2021

⁶ Disponível em: <<https://urlzs.com/CgBwZ>>. Acesso em: 26 de ago. 2021

⁷ Disponível em: <<https://urlzs.com/XgnLi>>. Acesso em: 26 de ago. 2021

⁸ Disponível em: <<https://urlzs.com/LYGkJ>>. Acesso em: 26 de ago. 2021

⁹ Disponível em: <<https://urlzs.com/U8bQH>>. Acesso em: 26 de ago. 2021

Simultaneamente, a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) divulgou um documento com recomendações de biossegurança¹⁰, como o distanciamento imediato dos jornalistas, a implantação do teletrabalho, a restrição à viagens a trabalho apenas para casos de extrema necessidade e demais cuidados orientados inicialmente por órgãos de controle sanitário, necessários à garantia da saúde dos profissionais da imprensa. Para além da importância de garantir a integridade física dos jornalistas, como pontuam Ferraretto e Morgado (2020), as medidas estabelecidas naquele momento também consideravam o teor essencial da profissão, cujo trabalho poderia auxiliar na propagação das ações de combate à Covid-19, através de sua divulgação nos meios de comunicação.

Neste âmbito, destaca-se a relevância dos veículos de comunicação tradicionais. Aqui, cabe mencionar a televisão brasileira, que em 2020, ano em que completou 70 anos de história, foi assistida por mais de 250 milhões de pessoas, segundo pesquisa realizada pelo Kantar Ibope¹¹. Além da TV, a internet, e principalmente os portais pertencentes a empresas de comunicação já conhecidas na mídia brasileira, também presentes na web, passaram não apenas a divulgar informações referentes à pandemia, como também a desmentir notícias falsas compartilhadas no mesmo ambiente. Pôde-se observar um combate a “*infodemic of misinformation*”¹², ou seja, à infodemia de desinformações, como foi classificado o bombardeamento de notícias falsas relacionadas à pandemia, pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Fallis (2015), citado por Zattar (2017), afirma que a desinformação tem três características primordiais, são elas: a desinformação é uma informação; a desinformação é uma informação enganosa; a desinformação não é uma informação acidentalmente enganosa (FALLIS, 2015). No cenário da pandemia da Covid-19, este conceito une-se ao de ‘infodemia’, que também conforme Zattar (2020), a partir da concepção apresentada inicialmente pela OMS, é a propagação de informações sobre a pandemia em volumes altamente excessivos, ou seja, em grande quantidade e por diversos meios. Numa realidade de pandemia a desinformação é ainda mais exposta, considerando ainda a facilidade de replicação das notícias em larga escala, nas redes sociais, e seu possível dano à rede segura de propagação e compreensão de notícias verdadeiras.

Considerando, também, a ascensão das mídias digitais e a extensão e migração dos veículos de comunicação tradicionais para as redes sociais, apresentada por Lopes (2010) como

¹⁰ Disponível em: <<https://urlzs.com/HevXQ>>. Acesso em: 26 de ago. 2021

¹¹ Disponível em: <<https://urlzs.com/JKbd6>>. Acesso em: 9 de ago. 2021

¹² Disponível em: <<https://urlzs.com/GxTjD>>. Acesso em: 9 de ago. 2021

sendo um modo de reconfiguração destes meios frente à evolução tecnológica, é possível visualizar de maneira ainda mais clara os traços e o risco da desinformação no contexto pandêmico, como será mostrado mais adiante na metodologia. Ocorre que, mesmo em contas de veículos confiáveis, presentes também nas redes sociais, cujo conteúdo é produzido por jornalistas a partir de fontes oficiais, ainda há espaço para o público externar, em comentários públicos, suas próprias opiniões, baseadas, em suma, em aspectos sociopolíticos, ancorados na pós-verdade (D'ANCONA, 2018).

Este fenômeno de produção informativa feita em diferentes ambiências é caracterizado por Lemos (2010) como “mídias de função pós-massivas”, onde a informação não mais parte de um único polo emissor, mas pode ser disseminada a partir de redes produtivas distintas (LEMOS, 2020). Os processos informativos destas mídias acontecem por trocas bidirecionais, com ferramentas que não necessariamente estão relacionadas a empresas e que também não se limitam a coberturas geográficas específicas (LEMOS, 2007), como os perfis pessoais nas redes sociais.

Diferentemente dos meios de massa, os meios de função pós-massiva permitem a personalização, a publicação e a disseminação de informação de forma não controlada por empresas ou por concessões de Estado. As ferramentas com funções pós-massivas insistem em processos de conversação, de interações, de comunicação, em seu sentido mais nobre [...] LEMOS, 2007. p. 125)

Acrescentando-se a este âmbito o iminente risco de aumento da desinformação no contexto da pandemia, pode-se observar que as informações falsas permeiam com mais facilidade entre as mídias pós-massivas. E para combater esta disseminação, os veículos tradicionais de comunicação, cuja credibilidade fora constituída por narrativas de veracidade ao longo de seus anos de história, e não apenas é respondida pelo público com o aumento da audiência durante a pandemia, como também com o engajamento nos demais ambientes onde se fazem presente (como nas redes sociais) (QUEIROZ, *et al* 2020), se mostram importantes agentes sociais.

No contexto do combate à infodemia da desinformação, se destacam os portais de veículos de webjornalismo, cujas notícias, mesmo produzidas a partir de dados oficiais, foram confrontadas diariamente de modo ainda mais potente por cidadãos influenciados por questões socioculturais e ideológicas, [ainda mais] evidenciadas levando em conta a pós-verdade, onde os acontecimentos não mais são classificados como verdadeiros apenas considerando o que de fato aconteceu, mas também a partir de entendimentos pessoais (D'ANCONA, 2018). Estas circunstâncias reforçaram a importância social dos veículos de webjornalismo tradicionais,

pertencentes a grupos de comunicação já conhecidos do público, capazes de desempenhar a atividade jornalística de maneira profissional e ética, considerando a formação dos jornalistas envolvidos.

Neste ponto, pode-se incluir os veículos de comunicação analisados neste estudo: G1 Paraíba e Jornal da Paraíba, pertencentes à Rede Paraíba de Comunicação. O G1, por sua vez, está diretamente ligado à Rede Globo de Comunicação, presente em praças¹³ de todo o Brasil, assim como na Paraíba. No contexto nacional, o portal já havia registrado recordes de audiência em importantes coberturas, como durante o primeiro turno das eleições de 2018¹⁴, e durante a pandemia também concentrou esforços para produzir notícias sobre tudo que envolve a Covid-19, também no âmbito estadual. Já o Jornal da Paraíba ocupa um espaço tradicional no contexto regional. Aos 50 anos de fundação, sendo os últimos cinco com presença apenas na internet após ter migrado do impresso para o digital em 2016, também tem parte dos acessos do webjornalismo do grupo empresarial ao qual pertence.

No contexto da pandemia da Covid-19, os veículos de webjornalismo foram responsáveis por informar à população, de maneira imediata, sobre as principais medidas e notícias que envolvem o cenário. A instantaneidade (BRADSHAW, 2014), elencada por Canavilhas (2014) como sendo uma das principais particularidades do webjornalismo, foi ainda mais exposta a partir da necessidade de divulgação imediata de dados e medidas que pudessem conter o avanço da doença. Dessa forma, portais jornalísticos como o G1 e o Jornal da Paraíba passaram a priorizar a produção e divulgação de notícias relacionadas à pandemia, como por exemplo, os boletins divulgados diariamente pela Secretaria de Estado da Saúde (SES) da Paraíba, cujos critérios de produção serão apresentados mais à frente.

Também relacionada à relevância dos veículos de webjornalismo, e mais especificamente os pertencentes a empresas tradicionais, como os escolhidos como objeto de estudo nesta pesquisa, pode-se acrescentar novamente o papel da televisão enquanto agente social ativo no combate à pandemia (SIQUEIRA; MONTEIRO, 2020). No período pandêmico, além de informar com notícias puramente factuais, o telejornalismo trouxe à luz sua função pedagógica (VIZEU, 2009). Esta, por sua vez, apesar de ser uma característica propriamente do telejornalismo, com dimensões e linguagens próprias ao meio televisivo (CERQUEIRA, 2018), também pôde ser observada no webjornalismo, que trabalhou na divulgação de informações

¹³ O termo “praça” é utilizado para se referir as emissoras afiliadas a uma empresa central. No âmbito descrito neste trabalho, o G1 Paraíba pode ser considerado uma das praças do G1 – O portal de notícia da Globo.

¹⁴ Disponível em: <<https://urlzs.com/cvnUz>>. Acesso em: 9 de ago. 2021

didáticas importantes à prevenção da Covid-19, como será exposto mais adiante no aporte metodológico.

Vizeu (2009), ao considerar de maneira inicial a função pedagógica como sendo uma das funções atribuídas ao telejornalismo, deixa claro a existência de um “cuidado”, por parte do jornalista, que envolve a produção da notícia propriamente didática, feita para ensinar algo capaz de mediar os diversos campos de conhecimento e o público (VIZEU, 2009). A partir da análise dos critérios utilizados para produção de matérias nos veículos de webjornalismo da Rede Paraíba de Comunicação, no âmbito da pandemia, como será posto ao longo da metodologia desta pesquisa, é possível observar essa preocupação também por parte dos jornalistas de portais, que priorizaram sobretudo notícias de serviço, com teor pedagógico, ensinando, por exemplo, a forma correta lavar as mãos, com auxílio de especialistas.

Temer e Santana (2015), afirmam que o jornalismo de serviço, ainda mais presente no contexto pandêmico, tem a característica de transitar entre as práticas de uma educação não-formal, informando, portanto, para além do fato.

O jornalismo de serviço, por seu uso e formato potencialmente didático, transita, portanto, entre as práticas de uma educação não-formal realizadas pelos meios noticiosos, informando para além do fato pelo fato, mas orientando, formando e colaborando com os públicos, por meio da informação útil na tomada das decisões no cotidiano. Saberes cotidianos esses que não têm sido enfatizados pela educação formal (TEMER; SANTANA, 2015, p. 111)

Dessa forma, notícias divulgadas no início da pandemia sobre como o cidadão deveria proceder caso apresentasse algum sintoma de Covid-19, qual a forma correta de higienizar as máscaras de proteção facial, e mais adiante, em quais locais encontrar vacinas contra a doença, publicadas de forma fixa em matérias consolidadas¹⁵, atualizadas diariamente nos veículos analisados como forma de responder possíveis perguntas frequentes dos leitores, podem, assim como reportagens televisivas de cunho didático, além de informar, ensinar a população como lidar com questões fundamentais à prevenção ao novo coronavírus. São informações essenciais, que não podem ser suprimidas, mas ao contrário disso, devem trazer detalhes básicos, de maneira didática, para que os espectadores compreendam de maneira adequada (VIZEU, 2009).

Analisando, ainda, questões correlacionadas entre as produções jornalísticas na televisão e na internet durante a pandemia, cabe pontuar também o emprego de aspectos da

¹⁵ As matérias consolidadas são publicadas apenas uma vez no G1 Paraíba e Jornal da Paraíba, e atualizadas diariamente, como forma de manter uma atualização fixa de determinado assunto, considerando sua relevância social. Exemplo: <<https://urlzs.com/hfN5n>> Acesso em: 11 de ago. 2021

convergência jornalística (SALAVERRÍA, 2008) presentes nesta conjuntura. Para Salaverría (2008), a convergência jornalística está relacionada a todo o processo produtivo que envolve o fazer jornalístico, e ocorre em múltiplas escalas e aplicações diferentes. No âmbito desta pesquisa, pode-se observar aspectos da convergência tanto a partir da união de esforços entre os profissionais dos veículos de comunicação, juntos em uma mesma equipe pela integração proposta verticalmente pela empresa, como também a partir da simultânea divulgação de seus produtos em diversos veículos e mídias diferentes.

Isto posto, cabe ressaltar que a continuidade do trabalho desempenhado, cuja essencialidade e particularidades foram descritas de modo detalhado neste capítulo, só pôde ser garantida a partir da adoção de alternativas que possibilitam a realização do fazer jornalístico em situações limite, como em uma pandemia. Tais alternativas são o foco desta análise, e serão tratadas como sendo os arranjos laborais, estabelecidos desde o início da pandemia da Covid-19 pelos profissionais envolvidos na produção jornalística realizada G1 Paraíba e Jornal da Paraíba, para assegurar o seu desempenho. No capítulo seguinte, disserta-se sobre questões que envolvem as rotinas produtivas a partir da aplicação dos arranjos laborais, de modo a aprofundar os debates acerca do período analisado.

3 ROTINAS PRODUTIVAS NO CONTEXTO PANDÊMICO

A rotinização do trabalho jornalístico pode ser entendida como o esforço da empresa para metodizar determinado trabalho que possa resultar em um produto noticioso (OLIVEIRA *et al*, 2020). Em diversos campos de trabalho que compõem a sociedade, a rotina produtiva é fundamental para garantir a execução dos processos laborais, e serve como ferramenta sistematizadora das funções individuais (de cada membro da equipe) e coletivas (do grupo como um todo), de maneira subjetiva ou hierárquica, definida por interesses particulares ou demarcada por chefias. Apesar de parecer um processo meramente natural, no jornalismo, as rotinas produtivas são articuladas para garantir a otimização do tempo e, por consequência, o melhor desempenho do ofício, como destaca Noblat (2002).

O jornalismo, como qualquer outra profissão, tem rotinas. E ai dele se não tivesse. Sem regras, nada funciona. Muito menos uma redação. Nela trabalhamos sujeitos a surpresas constantes. Justamente por isso é preciso respeitar normas, ter métodos e padrões de comportamento definidos (NOBLAT, 2002, p.122).

Mais especificamente no webjornalismo, as dinâmicas estabelecidas pela rotinização são base para a criação de um ambiente seguro, onde o profissional consiga desempenhar suas

funções frente a alta demanda de produção de informações urgentes, as chamadas *hard news*, com a instantaneidade própria à área. Conforme pontua Alsina (2009), a rotina do webjornalista tem papel fundamental diante da necessidade de reportagem dos acontecimentos de última hora, pois auxiliam o profissional a ter em mente qual passo seguir após o contato inicial com o fato. Nesse sentido, Borges (2009) também aponta o fator “tempo real” da cobertura jornalística na internet como importante aspecto desta rotina, justificando novamente sua importância.

Os jornalistas participantes do processo de produção informativa, onde a notícia é a matéria-prima do ofício (ERBOLATO, 2004), estabelecem métodos fixos diários que, embora possam ser modificados por alguma necessidade pontual, impõem ordem à atividade profissional. O conjunto destes métodos é o que forma a rotina produtiva do jornalista. Mesmo de maneira subjetiva, os profissionais se apropriam de hábitos simples, como a ordenação temporal de qual tarefa comum no dia a dia (como por exemplo, entrevistar, decupar, escrever etc), deve ser executada antes ou depois da outra, para, além de sistematizar o trabalho, dinamizar a convivência entre os membros das equipes - organizadas por hierarquias (PEREIRA; WOITOWICZ, 2019) e co-dependentes durante as etapas de produção.

Levando em conta esta conjuntura, onde a rotina produtiva ocupa o cerne do trabalho jornalístico, e considerando também a relevância de acontecimentos de grande impacto social, como o advento e a crescente projeção da pandemia da Covid-19, e sua posterior necessidade de cobertura jornalística, pode-se atribuir ainda mais notoriedade às rotinas produtivas em webjornalismo. Estas, no entanto, apesar de conseguirem orientar o fazer laboral, sofrem alterações diretas em momentos de crise, inclusive nas de ordem sanitária, como durante uma pandemia. Nestes momentos específicos, o trabalho passa a se basear em condições-limite, fazendo com que todo o desenho produtivo do jornalismo, e mais estritamente dos veículos analisados neste estudo, sofram modificações para se adequar ao contexto, o que, conforme Nicoletti (2019), pode implicar em efeitos diretos no desempenho dos jornalistas.

Dessa forma, pode-se dizer que a partir das mudanças impostas por episódios como a pandemia, os profissionais da imprensa passam a lidar com novas formas de trabalho e, por consequência, novas rotinas de produção. Hábitos são desfeitos ou redesenhados, entrando no cerne de repentinos projetos organizacionais criados por empresas midiáticas que visam manter o padrão de produtividade para, assim, preservar as receitas financeiras obtidas a partir dos produtos criados pelos jornalistas. É quando surgem os arranjos laborais, aqui entendidos como sendo as práticas alternativas, ainda em preparo, adotadas para dar continuidade a determinado trabalho jornalístico (FÍGARO, 2018), neste caso, para produção em *web*, e que permitem o conhecimento de novas formas de rotinização, (MARQUES; KINOSHITA; MOLIANI, 2018).

Estas novas rotinas exigem, sobretudo, arranjos laborais relacionados ao uso de tecnologias de informação e comunicação (TICs), via dispositivos eletrônicos e *softwares* que, segundo Marques, Kinoshita e Moliani (2018), podem facilitar as relações de produção. Além disso, tais tecnologias também são usadas para mediar o contato dos profissionais uns com os outros e garantir a interação que, como defende Simmel (1983), é um processo social básico, parte do que entendemos por sociedade, e no caso específico do profissional jornalista, além de ser fundamental à garantia do bem estar coletivo, também assegura a constância da função propriamente dita, o considerando agente autor de um determinado produto, a notícia, matéria-prima (ERBOLATO, 2004) para demais ramificações encontradas na conjuntura das mídias de função pós-massivas (LEMOS, 2010).

Tais processos de interação permitem o que Maffesoli (1999) apresenta como “socialidade”, conceito que está relacionado ao elo que faz perdurar a existência da sociedade, indo além das racionalidades já existentes e outrora debatidas. Ora, mesmo em uma sociedade guiada pelas funções de classe, há sempre algo que sustenta as relações, há sempre o “cimento”, como nomeia o autor, que une laços, sejam estes pessoais ou profissionais. Trazendo ao contexto explorado nesta pesquisa, pode-se entender que o jornalista tem como força social e motriz aspectos definidos a partir de uma rotina, que apesar de ser direcionada a cada função desempenhada individualmente pelos profissionais, em dados momentos se movem de maneira diferente, guiados por motivações diferentes, em direção a um único propósito, que é produzir notícias.

No entanto, por consequência das mudanças de rotina, a partir do cenário da pandemia do novo coronavírus ficou evidente que a totalidade desta interação (da qual também se resulta a notícia), outrora embasada principalmente em contatos e trocas presenciais diárias, para além dos princípios éticos e hierarquias empresariais, é ameaçada e passa a depender de tecnologias, como parte do conjunto de arranjos laborais. Aqui, cabe pontuar que já não são mais consideradas as dinâmicas do trabalho presenciais de uma redação tradicional - local em que se manifestam e se constroem as estruturas da cultura jornalística (PEREIRA; WOITOWICS, 2019) - uma vez estabelecidas regras de distanciamento social (com regime de trabalho em *home office*¹⁶), como parte de protocolos sanitários preventivos à Covid-19.

Medidas como o uso de máscaras de proteção facial, a higienização do material de trabalho e, por fim, o afastamento físico total entre os profissionais por um determinado período de tempo, tornam o trabalho jornalístico não mais limitado a espaços físicos e rotinas pré-

¹⁶ Termo utilizado para caracterizar um trabalho realizado remotamente de maneira eventual, ou seja, longe da empresa, em casos específicos.

estabelecidas. Agora, as trocas de informações técnicas são feitas por mensagens, ligações de vídeo e/ou áudio, mediadas por dispositivos eletrônicos, sendo possível graças à tecnologia, que por sua vez permite novas formas de organização do trabalho da imprensa (MARQUES; KINOSHIT; MOLIANI, 2018). É quando são criadas, ainda que de maneira imperceptível, as chamadas “redações virtuais” - espaços em plataformas onde os jornalistas se reúnem para, entre outras questões, decidirem o que é notícia ou não e organizar as demandas de trabalho.

Assim como as mudanças de ordem técnica, a existência de um ambiente com condições limite para o trabalho e, conseqüentemente, a alteração das rotinas produtivas no webjornalismo também provocam o redesenho nos critérios de noticiabilidade, definidos por Wolf (1999, p. 85) como sendo “o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há que seleccionar as notícias”. Estes critérios também passam por reformulações para que a imprensa consiga desempenhar de maneira efetiva o trabalho de obter dados relacionados ao momento vivido (pandemia) e, posteriormente, divulgá-los, dada a importância pedagógica do jornalismo (CERQUEIRA, 2018), também para a prevenção de novos casos da doença, como pontuam Ferraretto e Morgado (2020):

A difusão de informação com responsabilidade faz parte do processo de combate à pandemia. Se existem vários planejamentos da área de saúde para a redução do impacto da Covid-19, o mesmo acontece na de comunicação, que engloba diversos protagonistas: agências e assessorias de comunicação, jornais, revistas, estações de rádio, emissoras de televisão e serviços noticiosos e de entretenimento via internet. Cada um deles têm a obrigação de pensar suas limitações, possibilidades e necessidades sem deixar de fazê-lo com a responsabilidade exigida pelo momento. (FERRARETTO; MORGADO, 2020, p.24).

Para Traquina (2012), as notícias são o resultado não apenas do processo de interação social entre jornalistas e fontes, como também da interação entre os próprios jornalistas enquanto membros de uma comunidade profissional. Todavia, uma vez restrita ao ambiente virtual, a interação entre os profissionais via dispositivos digitais e aplicativos se torna parte fundamental ao trabalho como um todo, ou seja, tanto na partilha de informações quanto no resultado dessa partilha - a produção concreta de materiais informativos. Efetivamente, o profissional passa a trabalhar com a mediação de aplicativos de trocas de mensagem, como o WhatsApp, cuja adoção de seu uso demanda uma reorganização das normas antecedentes e das prescrições no trabalho (DURRIVE, SCHWARTZ, 2007; FIGARO, 2008; REBECHI, 2014).

Também como parte deste processo, voltamos à reorganização editorial da produção de notícias. De acordo com Wolf (1999), a definição de um critério para definir o que é notícia

objetiva atingir fins práticos e tornar possível a repetitividade de certos procedimentos necessários à sua produção. Para atender as demandas produtivas da pandemia, os critérios de noticiabilidade passam a considerar como sendo de alto valor os fatos relacionados com o contexto, como os próprios dados e as medidas tomadas em consequência destes números. Acrescentando-se, ainda, a instantaneidade própria ao webjornalismo, ao qual se inclina este estudo, Nunes (2005) reitera a forma como o texto jornalístico na internet se desdobra para ser imediatamente publicizado, transformando-se em notícia em tempo real, o que implica, por consequência, na necessidade de decisões prévias ao conhecimento dos fatos, estabelecidas pelos critérios de noticiabilidade e pelas rotinas produtivas.

Traquina (2005) também menciona a dependência dos “canais de rotina” para que o jornalista consiga lidar com “a supra-abundância de acontecimentos e a escassez do tempo, lutando para impor ordem no espaço e no tempo” (TRAQUINA, 2005, p. 195-196). É justamente durante esse confronto que se apresentam todas as práticas pertencentes ao que pode-se chamar de cronograma informacional, ou seja, o percurso responsável por garantir precisão e funcionalidade ao fazer produtivo do jornalista, relacionado ao curto intervalo de tempo entre o momento em que o fato acontece e o momento em que ele é reportado. Pode-se trazer à luz, também, Tuchman (1973), que designa este cronograma como parte de uma “rotina do inesperado”, formada em virtude dos critérios profissionais dos quais o jornalista se utiliza, também, para avaliar as fontes.

Ademais, cabe pontuar que os profissionais jornalistas enquanto agentes sociais, e para além disso, participantes ativos de um grupo cujo principal objetivo é desempenhar uma atividade de cunho essencial, também estão suscetíveis aos efeitos de mudanças sociais, à medida em que possuem a capacidade de influenciá-las e de construir narrativas sobre elas (MICK e KIKUTI, 2020). Não obstante, a adaptação de suas atividades aos desafios impostos pela atual conjuntura pandêmica, assim como em outras épocas, mas com adendos ao risco de exposição pessoal a um vírus mortal, podem ter configurado um novo padrão para as relações trabalhistas da classe, como também pontuam Mick e Kikuti (2020), em uma agenda de pesquisa relacionada ao atual contexto.

Em tempos de pandemia, mais especificamente, manter e até redobrar o fluxo de informações para o público, cuja necessidade de compreender tais dados se relaciona inclusive com questões de saúde, requer dos jornalistas as adaptações descritas teoricamente neste capítulo, com impacto direto na qualidade final do produto desenvolvido, e principalmente, em suas rotinas de trabalho (SOLON *et al*, 2020). Para os profissionais dos veículos de webjornalismo da Rede Paraíba de Comunicação, analisados neste estudo, não foi diferente. A

dinâmica de trabalho precisou ser alterada para garantir a saúde física dos colaboradores e o desempenho pleno do trabalho, com a necessidade de adoção de arranjos laborais durante todo o processo produtivo, como veremos adiante.

4 METODOLOGIA

Para melhor compreender os arranjos laborais adotados pela equipe do G1 Paraíba e do Jornal da Paraíba a partir da pandemia da Covid-19, métodos chave foram utilizados para a obtenção de dados. O primeiro deles, a pesquisa participante, justificada pelo vínculo de estágio estabelecido, durante o período de realização deste trabalho, entre a autora e a empresa cuja produção jornalística está sendo analisada. Duarte e Barros (2005) afirmam que a pesquisa participante é caracterizada pela participação do pesquisador no ambiente estudado, interagindo como membro do grupo analisado, e se comprometendo em devolver os resultados da investigação. Este grupo, por sua vez, conhece as intenções do pesquisador e colabora, conforme metodologia preferida, com o estudo (BARROS; DUARTE, 2005).

Neste artigo, a pesquisa participante considerou informações obtidas a partir da observação no ambiente analisado, seja de forma virtual (devido a necessidade do trabalho em *home office*) ou presencial, focando, especificamente, nos seguintes aspectos: mudanças nas rotinas produtivas, estabelecidas com o advento da pandemia; modificações nos critérios de noticiabilidade; entendimento de relevância do trabalho realizado, com foco em matérias sobre a pandemia; combate a desinformação. A partir de observação prévia, estas questões foram aprofundadas para uma triangulação de dados (AZEVEDO, *et al* 2013), somadas à pesquisa bibliográfica, com a colaboração de autores cujas obras são relacionadas ao tema proposto.

A segunda estratégia utilizada foi a técnica de entrevista em profundidade, realizada de maneira remota, através do Google Meet, considerando o iminente risco de contaminação pelo novo coronavírus, também durante o processo de escrita deste artigo. As entrevistas foram realizadas com dois profissionais da equipe do G1 Paraíba e Jornal da Paraíba, sendo um editor e um repórter, entre os dias 3 e 5 de agosto de 2021, a partir de um roteiro de entrevista semiestruturado, elaborados previamente, com perguntas distintas, considerando as diferenças de cargo dos profissionais entrevistados.

Os resultados da pesquisa participante foram unidos via triangulação de dados aos resultados dos demais aportes teórico-metodológicos, e estão presentes no próximo tópico, juntamente com os dados colhidos a partir das entrevistas, cujas identidades dos entrevistados serão preservadas. O período de tempo considerado para análise de dados tem como base a

implementação inicial de medidas sanitárias de combate a Covid-19 no ambiente de trabalho pesquisado, ou seja, março de 2020, até o período da escrita deste trabalho, agosto de 2021, considerando os acontecimentos registrados neste intervalo, com objetivo de contribuir para a continuidade da pesquisa. O roteiro das entrevistas se encontra em anexo.

4.1 – Os veículos analisados

O portal G1 Paraíba¹⁷ é uma das praças do “G1 - O portal de notícias da Globo”¹⁸. O veículo de comunicação foi lançado na Paraíba em 26 de agosto de 2011, há cerca de 10 anos, como parte de uma reformulação editorial da Rede Paraíba de Comunicação, sendo o primeiro veículo de webjornalismo da empresa. Desde fevereiro de 2021, o G1 Paraíba tem a equipe integrada ao Jornal da Paraíba, e além de seguir orientações da chefia editorial local, também é instruído pela chefia de jornalismo do G1 Nacional, com canal de comunicação direto estabelecido para troca de informações, envio de publicações para a *home* nacional e parcerias para reportagens especiais feitas de maneira conjunta pelas demais afiliadas.

A linha editorial do G1 Paraíba segue os Princípios Editoriais do Grupo Globo¹⁹. A produção de notícias do portal é focada em assuntos factuais, com destaque para matérias de serviço, cotidiano e fatos policiais, e reportagens especiais, em suma, sobre histórias inusitadas. Além disso, a *home*, ou seja, a capa do portal, também comporta os vídeos dos telejornais locais e programas transmitidos pelas TVs Paraíba e Cabo Branco, assim como os materiais locais publicados no Globoplay, o canal de *streaming* da Globo.

Já o Jornal da Paraíba²⁰ foi fundado em cinco de setembro de 1971, há cerca de 50 anos, em Campina Grande, no formato impresso. Durante anos, o “JP”, como é conhecido, foi um dos mais fortes veículos de comunicação da Paraíba. Foi o primeiro veículo da Rede Paraíba de Comunicação, e surgiu como semanário de notícias sobre Campina Grande e região. Os profissionais do jornal trabalhavam na redação fixa em Campina Grande e, depois de anos, também em um escritório na capital João Pessoa. Em 2011, deu os primeiros passos rumo ao digital, com a digitalização dos tabloides, e em 2016, o Jornal da Paraíba migrou totalmente para a internet, onde, até a realização desta pesquisa, se encontrava. Assim como o G1 Paraíba,

¹⁷ Disponível em: <<https://urlzs.com/ZqjaN>>. Acesso em: 29 de ago. 2021

¹⁸ Disponível em: <<https://urlzs.com/PCX6u>>. Acesso em: 29 de ago. 2021

¹⁹ Disponível em: <<https://urlzs.com/of5V6>>. Acesso em: 29 de ago. 2021

²⁰ Disponível em: <<https://urlzs.com/gskAB>>. Acesso em: 29 de ago. 2021

o Jornal da Paraíba faz parte da Rede Paraíba de Comunicação, juntamente com outros sete veículos de comunicação²¹.

Como há 50 anos, quando foi fundado, a produção jornalística do Jornal da Paraíba prioriza notícias de política, cultura e cotidiano. Além dos repórteres envolvidos no trabalho diário, o JP também conta com nove blogs, dentro do mesmo site, com produção própria; são eles: Conversa Política e Pleno Poder (política); Entre Linhas (esportes); Blog do Sílvio Osias (cultura); Saúde Alerta e Papo Íntimo (saúde); Mercado em Movimento (inovação); Caderno Animal (cotidiano animal); Alô Concurseiro (educação). Os responsáveis pelos blogs são jornalistas especializados nos assuntos que abordam, ou especialistas nas editorias contempladas.

Tanto o Jornal da Paraíba quanto o G1 Paraíba possuem contas nas redes sociais, utilizadas principalmente para divulgação e replicação de conteúdos publicados inicialmente nos portais. O Jornal da Paraíba tem conta ativa no Instagram²², Facebook²³ e Twitter²⁴, e o G1 Paraíba tem páginas no Twitter²⁵ e Facebook²⁶, utilizado de maneira conjunta pelas TVs Paraíba e Cabo Branco para divulgação dos telejornais locais. O conteúdo do G1 Paraíba também é publicado nas redes sociais do G1 Nacional no Twitter²⁷, Facebook²⁸ e Instagram²⁹ além de eventualmente ser parte ativa na produção de conteúdos feitos para mídias específicas, como para os podcasts produzidos no âmbito nacional.

Atualmente, a equipe do G1 Paraíba e do Jornal da Paraíba é unificada, com profissionais que transitam pelos dois veículos e, eventualmente, também participam da programação dos demais veículos da Rede Paraíba de Comunicação, como as TVs Cabo Branco e Paraíba, além das Rádios CBN João Pessoa e Campina Grande, com colaborações pontuais e, sobretudo, replicando o próprio conteúdo produzido inicialmente para os portais. Ao todo, são 17 profissionais diretamente envolvidos nos dois veículos, entre editores, subeditores, repórteres e repórteres estagiários. Entre os colaboradores, doze trabalham na redação localizada em João Pessoa, capital da Paraíba, e cinco na redação em Campina Grande, segunda maior cidade do estado.

²¹ A Rede Paraíba de Comunicação é formada por oito veículos de comunicação; são eles: TV Cabo Branco; TV Paraíba; G1 Paraíba; Jornal da Paraíba; ge Paraíba; Rádio CBN João Pessoa; Rádio CBN Campina Grande; Rádio Cabo Branco FM.

²² Disponível em: <<https://urlzs.com/G6oWT>>. Acesso em: 29 de ago. 2021

²³ Disponível em: <<https://urlzs.com/UJsyp>>. Acesso em: 29 de ago. 2021

²⁴ Disponível em: <<https://urlzs.com/G1si9>>. Acesso em: 29 de ago. 2021

²⁵ Disponível em: <<https://urlzs.com/JWwGi>>. Acesso em: 29 de ago. 2021

²⁶ Disponível em: <<https://urlzs.com/bFQcW>>. Acesso em: 29 de ago. 2021

²⁷ Disponível em: <<https://urlzs.com/LyisL>>. Acesso em: 29 de ago. 2021

²⁸ Disponível em: <<https://urlzs.com/QmDLQ>>. Acesso em: 29 de ago. 2021

²⁹ Disponível em: <<https://urlzs.com/UBPNk>>. Acesso em: 29 de ago. 2021

4.2 – Rotinas produtivas e arranjos laborais

A partir da pandemia da Covid-19, com a imposição de toda conjuntura apresentada ao longo dos capítulos anteriores deste estudo, as atividades de muitas redações precisaram de arranjos laborais para garantir a continuidade do trabalho. Como já exposto, entende-se por arranjos laborais as práticas alternativas, adotadas a partir de situações específicas em que não há como garantir a constância do trabalho outrora realizado com as mesmas práticas já adotadas (FÍGARO, 2021). Dessa forma, é preciso criar mecanismos que possam auxiliar o fazer jornalístico e, assim, garantir a divulgação de informações. Neste capítulo serão apresentados os principais arranjos laborais adotados pelos jornalistas do G1 Paraíba e Jornal da Paraíba desde o início da pandemia da Covid-19, em 2020, até o período em que foi realizada esta pesquisa.

Antes da pandemia da Covid-19, os jornalistas dos veículos analisados trabalhavam nas redações presenciais, em Campina Grande e em João Pessoa, dividindo os ambientes com outros profissionais dos demais veículos de comunicação do grupo. Os profissionais compartilhavam sugestões de pautas com os colegas da própria equipe e dos demais veículos, a partir de debates presenciais, além de produzir de maneira conjunta algum material específico. Para atender à demanda de divulgação do fato logo após seu acontecimento e checagem, a rotina de produção nos veículos analisados seguia o ritmo necessário à divulgação instantânea de notícias, como espera-se do webjornalismo. Foi o que confirmou o entrevistado número 1:

Minha rotina de produção antes da pandemia já era, eu considero, frenética. Tínhamos um volume muito grande de trabalho, é claro, também dependendo do dia. Haviam dias em que a gente se dedicava a reportagens especiais, mas o volume de factuais já era muito intenso, além da troca de informações, ainda na redação, no convívio com os colegas. (ENTREVISTADO 1)

A modalidade de trabalho estabelecida em vínculo trabalhista, essencialmente, era o trabalho presencial. No mesmo ambiente, além de produzir de maneira conjunta as notícias que precisavam ser divulgadas em ritmo “frenético”, os repórteres também recebiam orientações específicas dos editores sobre o trabalho que seria realizado naquele momento. Havia uma rotina diária de reuniões presenciais de pauta, com todos os integrantes da equipe, onde se discutiam os principais assuntos que poderiam render pauta, e orientações eram repassadas dos editores aos repórteres sobre o que deveria ser feito no dia. Eventualmente, também havia um direcionamento para coberturas *in loco*, fora da redação.

A gente essencialmente trabalhava de forma presencial o tempo inteiro. Tínhamos uma rotina de chegar [na redação], debater pautas, orientar o que era prioridade na hora, o que seria feito nos dias seguintes, discutir com outros veículos o que estava sendo produzido para saber o que poderia nos servir, e também o que poderia ser produzido em outros ambientes, in loco. (ENTREVISTADO 2)

Após a confirmação dos primeiros casos de Covid-19 em João Pessoa e em Campina Grande, onde se concentram os profissionais de webjornalismo da Rede PB, em meados de março de 2020, as primeiras medidas determinadas pela chefia de redação do veículo foram a utilização de máscaras de proteção facial e o distanciamento entre as pessoas na redação fixa. Cuidados de proteção individual, como a higienização das mãos e do próprio material de trabalho com álcool a 70%, também foram adotados, em conformidade com as orientações fornecidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS)³⁰ e pela própria Secretaria de Estado da Saúde (SES)³¹ para evitar contágios em ambientes de trabalho.

Com o aumento de casos da Covid-19 na Paraíba, ficou estabelecido o regime de trabalho *home office* para os profissionais do G1 Paraíba e do Jornal da Paraíba, com escalas de trabalho presencial apenas para algumas funções pontuais, como para editores de vídeo, cujo trabalho técnico dependia, inicialmente, da estrutura da redação física. Neste contexto, em suma, pode-se afirmar que o formato da redação sofreu o primeiro impacto, segundo o entrevistado 2:

O formato da redação sofreu o primeiro impacto. No momento em que a gente deixa de ser uma redação [presencial], no sentido de estar ali em contato direto, de ter uma rotina de discussão o tempo inteiro, juntos no mesmo ambiente [...]. Sofremos um impacto. A gente tratava tudo isso como fundamental, mas a partir dali, por questão de segurança, tivemos que nos separar e trabalhar à distância. (ENTREVISTADO 2)

A partir do esvaziamento das redações, localizadas nas sedes das TVs Cabo Branco, em João Pessoa, e Paraíba, em Campina Grande, uma vez que os profissionais passaram a trabalhar de suas casas, percebeu-se a existência da chamada “redação virtual”, ou seja, um ambiente de troca de informações necessárias ao fazer jornalístico, à distância, via dispositivos móveis. Essa redação virtual se estabeleceu através de grupos e conversas privadas nos aplicativos WhatsApp, Telegram, Slack e por uma capa de pauta no Google Planilhas, onde os repórteres e editores podem escolher a pauta a ser feita por cada membro, para cada veículo.

A tecnologia, por meio da qual a equipe estabeleceu contato entre si e também com as fontes de informação, através dos aplicativos descritos, foi peça chave no processo de migração

³⁰ Disponível em: < <https://urlzs.com/XEgs4>>. Acesso em: 30 de ago. 2021

³¹ Disponível em: < <https://urlzs.com/2gxqM>>. Acesso em: 30 de ago. 2021

da redação física nas empresas, para o trabalho *home office*. O uso destas ferramentas, comuns ao trabalho dos jornalistas envolvidos antes da pandemia apenas em casos pontuais, em que não fosse possível ter contatos presenciais, foi fundamental à continuidade do trabalho e, desta forma, se configura como uma alternativa criada a partir da realidade imposta, ou seja, um arranjo laboral.

Realmente não sei o que seria de nós, jornalistas, neste momento, se a tecnologia não tivesse chegado no ponto que chegou, digamos. Não serve só para a discussão das pautas, mas nesse ponto das entrevistas, de fazer tudo por lá. Virou de fato uma ferramenta jornalística, mais do que uma ferramenta de troca de mensagens pura e simplesmente falando. São ferramentas que estão encaixadas na rotina jornalística com muita força, e foram fundamentais nesse processo. (ENTREVISTADO 2)

Nestes espaços, os jornalistas passaram a debater pautas, compartilhar sugestões de temas especiais que pudessem servir como base para o desenvolvimento de matérias especiais, bem como de episódios factuais cuja veracidade poderia ser checada por quem estivesse no expediente. Além disso, a partir da necessidade de distanciamento social, os profissionais também passaram a usar as ferramentas tecnológicas para manter as relações sociais uns com os outros, informando questões que antes, com o trabalho presencial, não eram necessariamente ditas, como por exemplo, a hora de chegada e de saída do expediente, e orientações sobre o que ficou pendente para ser feito no horário ou dia seguinte. Pode-se observar que os arranjos laborais analisados a partir do uso de aplicativos também serviram para garantir a socialidade.

Eu quando chegava só falava com minha editora ou editor, e agora quando a gente chega geralmente a gente fala ‘boa tarde’, ‘chegando’, que é pra saberem que cheguei e começar a conversar sobre as coisas do trabalho. Da mesma forma, quando vou embora também aviso, às vezes, quando o horário precisa ser estendido, para que saibam se estou ou não disponível, e eu noto que outras pessoas também passaram a fazer isso agora (a partir da pandemia). (ENTREVISTADO 1)

O uso das TICs também se mostrou relevante para garantir a continuidade necessária à relação entre editores e repórteres, importante para a manutenção do trabalho em si e também à tomada de decisões específicas. Neste ponto, especificamente, notou-se a conversação por espaços de mensagem privados, onde o repórter e o editor poderiam trocar informações diretamente um com o outro, sem interferências dos demais membros da equipe, com o objetivo de dinamizar a relação, mesmo à distância, e, em suma, de otimizar o tempo de trabalho, garantindo o resultado desejado pelo profissional que teve a iniciativa de falar primeiro. Outrossim, pôde-se observar que, na redação virtual, ou seja, no ambiente onde todos estavam inseridos digitalmente, a relação foi estabelecida como uma reunião de pauta constante.

À distância, a gente transformou grupos de WhatsApp em uma espécie de reunião de pauta constante. Não que ele já não fosse usado de certa maneira assim, mas ganhou ainda mais força nesse cenário. Falamos [no grupo] em momentos que a gente podia discutir e debater o que estava acontecendo e o que poderia ser produzido, já que não estávamos no mesmo ambiente. Focamos nossa relação central ali. (ENTREVISTADO 2)

Mesmo em regime de trabalho *home office*, a demanda de trabalho, que já era intensa pelo alto volume de informações que, posteriormente, num curto intervalo de tempo, são publicadas nos portais em forma de notícia, aumentou durante a pandemia. Antes deste período, os jornalistas dos portais G1 Paraíba e Jornal da Paraíba trabalhavam oito horas por dia, sendo cinco horas previstas na legislação da categoria, somadas a outras três horas pagas como hora extra pela empresa. Após o início da pandemia, no entanto, o tempo de trabalho diminuiu para seis horas-dia, em conformidade com a legislação vigente de trabalho em *home office* adotada pela empresa. Apesar da diminuição no tempo total de expediente diário, a intensidade de trabalho, aqui medida pela quantidade de matérias produzidas ao dia, aumentou com o advento da Covid-19.

A demanda [de trabalho] aumentou muito. Muito mesmo. Antes da pandemia tinha dias que eu fazia, por exemplo, cerca de dez matérias, mas nesse expediente de oito horas. Depois da pandemia foi comum fazer essa mesma quantidade de matérias, só que num expediente menor, de seis horas. Então você percebe que se tivesse mais tempo de expediente, como o anterior, com certeza faríamos mais matérias. (ENTREVISTADO 1)

Uma outra faceta apresentada como justificativa para o aumento da demanda de trabalho durante a pandemia da Covid-19 foi a segurança sentida no regime de trabalho em *home office*. Ora, caso estivessem na redação física, os jornalistas teriam contato com outras pessoas, e por consequência disso estariam mais expostos ao novo coronavírus. Tal exposição poderia impactar a produtividade diária enquanto, por outro lado, reclusos em casa e mantendo o distanciamento social orientado pelos órgãos de saúde como parte dos protocolos de prevenção à Covid-19, os profissionais estariam menos preocupados com possíveis contaminações e, à vista disso, produziram em melhores condições.

Outro cenário que acabamos percebendo é que no trabalho em casa a gente acabou tendo um rendimento um pouco maior. Pelo fato de estar em casa, não estar com medo do que acontecia lá fora [a pandemia], dava pra trabalhar um pouco mais tranquilo. Então, tivemos um aumento de produtividade, mas dentro do mesmo período trabalhado. (ENTREVISTADO 2)

Sobre as questões editoriais que envolvem a demanda de trabalho nos veículos de comunicação analisados, ficou evidenciado uma atenção maior dos jornalistas ao noticiário

relacionado diretamente à pandemia da Covid-19. Informações factuais sobre os dados quantitativos de casos e mortes provocadas pela doença na região onde se concentram os leitores do G1 Paraíba e Jornal da Paraíba, fornecidas em boletins diários divulgados pela Secretaria de Estado da Saúde (SES), bem como as medidas tomadas pelo Estado e Municípios como reflexo destes dados, passaram a responder pela maior parte do conteúdo produzido e, a partir de orientação editorial, foram consideradas como sendo de produção prioritária, cujo prazo de entrega e publicação era menor que as notícias de outros assuntos.

Nossa cobertura se voltou cerca de 70% para a pandemia de fato. A gente passou a monitorar tudo que era relativo a pandemia. No começo, a gente divulgava caso a caso, mas depois a situação piorou muito e a gente não conseguiu fazer mais esse tipo de cobertura. Mas, desde o início, praticamente toda a equipe está voltada e totalmente focada em cobrir a pandemia e seus desdobramentos. A equipe deixou alguns temas em segundo plano e focou essencialmente na cobertura da pandemia. (ENTREVISTADO 2)

A prioridade dada aos assuntos relacionados à pandemia da Covid-19 também foi responsável por modificar os critérios de noticiabilidade, estabelecidos anteriormente como norte à produção. No período analisado, com a necessidade de divulgação de notícias de ordem sanitária, importantes à preservação da saúde da população, as decisões editoriais não mais se limitam necessariamente à relação geográfica do fato noticiado, como acontecia outrora, mas também e principalmente estão relacionadas à relevância do assunto abordado.

Buscamos algumas notícias nacionais e até internacionais que repercutiram entre os leitores, para divulgar também como forma de orientação mesmo. Estudos sobre vacinas, o primeiro caso, a primeira morte no país, isso tudo acabou virando notícia aqui também nos portais. De fato houve uma mudança nos critérios [de noticiabilidade] mesmo, porque antes, quando a gente buscava notícias nacionais trazíamos algo com uma relação constatada, que tivesse um paraibano envolvido, de fora pra dentro tinha essa questão de interesse local, de pertencimento. Isso foi quebrado a partir da pandemia e da necessidade de orientar a população. (ENTREVISTADO 2)

A partir da prioridade estabelecida às notícias relativas à pandemia, também pôde-se observar nos portais de webjornalismo da Rede Paraíba de Comunicação, mais estritamente no que diz respeito ao âmbito editorial, outra predileção. Pois, além de concentrar a produção em notícias diretamente relacionadas a Covid-19, os jornalistas dos portais observados foram além, concentrando esta produção em matérias de serviço. Ou seja, dentro da “editoria” pandemia, a maior parte das notícias encontradas são de serviço, com orientações gerais de especialistas sobre como proceder em situações comuns à doença, como sua prevenção ou seu protocolo de tratamento.

Este entendimento editorial, por meio do qual ficou definida a prioridade de produção para notícias relacionadas à pandemia da Covid-19 e, sub categoricamente, às matérias de serviço sobre a pandemia e sua conjuntura, partiu da necessidade de divulgação de informações consideradas essenciais, bem como de uma demanda externa da própria população. É que, mais restritamente no período inicial da pandemia, não haviam orientações específicas que pudessem servir como norte para que a população adotasse cuidados de prevenção à doença. Com o passar do tempo, e em conformidade com a divulgação de orientações dos órgãos de saúde, matérias de serviço ganharam destaque na rotina produtiva dos jornalistas em questão.

As pessoas queriam saber e em alguns momentos a gente fez até uma força tarefa em relação a matérias de serviço mesmo, porque era uma coisa muito nova e ninguém sabia o que fazer. Começaram as orientações dos órgãos de saúde, então a cada nova mudança tinha que ter uma força tarefa para que as pessoas pudessem se orientar. (ENTREVISTADO 2)

Para garantir e otimizar a produção/prestação desse tipo de serviço, possível graças à continuidade do trabalho, e também considerado essencial no combate à pandemia, foram criadas matérias consolidadas, fixadas em determinados espaços para facilitar a busca dos leitores dentro dos sites. No início da pandemia, o G1 Paraíba publicou de maneira fixa uma matéria com orientações sobre o que fazer caso apresente-se algum sintoma de Covid-19. Já o Jornal da Paraíba fixou uma matéria com números, atualizados diariamente, sobre os casos de contaminação e mortes por Covid-19 no estado. Com o avanço da vacinação contra a doença, o G1 Paraíba também publicou uma matéria consolidada sobre o andamento da campanha na capital paraibana João Pessoa. Tudo isso, a partir do entendimento de que a população precisava, para além de ser informada, ser orientada sobre como proceder em diferentes cenários da crise sanitária.

Além da necessidade de informar e orientar, a conjuntura da pandemia requereu dos profissionais e, por conseguinte, dos veículos de webjornalismo, um empenho no combate à infodemia de desinformações acerca da Covid-19. Matérias desmentindo informações falsas sobre a doença, bem como sobre a efetividade dos protocolos de prevenção e das vacinas desenvolvidas para imunizar a população, passaram a ser produzidas em maior volume, à medida em que o interesse do público era manifesto através de mensagens nas redes sociais dos portais, nos espaços de comentários do próprio site, ou até mesmo nos principais buscadores da internet, os quais são monitorados diariamente pela equipe.

A gente não teve só que informar, o trabalho era dobrado. Tinha que informar - o que já fazemos naturalmente, é nossa função - e ao mesmo tempo tivemos que lutar contra a desinformação. Não a desinformação da dúvida, mas a

desinformação que era provocada. Precisamos unir esforços para tentar apagar essa rede de desinformação que foi instalada e segue forte. Quanto mais verdade, quanto mais notícia, era melhor nesse momento. (ENTREVISTADO 2)

Partindo do entendimento de que a necessidade de combate à desinformação a respeito da pandemia fora adotada de maneira efetiva pelos profissionais dos portais observados, empregada em suas rotinas de trabalho para que, a partir de então, materiais específicos sobre informações falsas fossem realizados com mais frequência durante o período, também é válido pontuar o caráter essencial do trabalho jornalístico, e aqui propriamente o trabalho do webjornalismo, no contexto analisado. Para além dos aspectos técnicos, os arranjos laborais descritos ao longo deste capítulo reiteram o papel social do profissional jornalista durante o momento histórico pelo qual o mundo passa neste momento.

O jornalismo foi um instrumento fundamental para que a gente pudesse passar por esse período de uma forma mais segura, porque os órgãos de saúde emitem as orientações, as determinações e recomendações, mas quem fazia tudo isso se tornar público era o jornalismo. Esses órgãos sozinhos não têm força de chegar até as pessoas como a imprensa tem. E ser jornalista hoje em dia já é uma ação de resistência, e numa pandemia, então, onde a gente luta não só para informar mas também luta contra a desinformação [...]. É um serviço essencial. (ENTREVISTADO 1)

Isto posto, cabe ressaltar que os arranjos descritos não apenas foram utilizados como forma de alternativa ao trabalho, como apresentado ao longo deste estudo. Para além disso, garantiram a distribuição de informações seguras, checadas a partir de fontes oficiais, cujo padrão profissional estabelecido pode ter servido de base para a tomada de decisões por parte da população no contexto regional. População essa que não somente fez uso dos portais analisados para manter o leque de informações em dia, como também fez de tais notícias seu norte para combater a Covid-19.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das considerações feitas ao longo do presente trabalho, é possível constatar que a equipe do G1 Paraíba e do Jornal da Paraíba precisou adotar mudanças em sua rotina produtiva, em forma de arranjos laborais, com o advento da pandemia da Covid-19. Em síntese, tais arranjos puderam ser observados nos seguintes aspectos: adoção de medidas sanitárias de prevenção à Covid-19, no ambiente de redação presencial; migração do trabalho presencial para *home office*; uso de ambientes digitais como forma de redação virtual, com objetivo de

estabelecer e manter as relações interpessoais; prioridade dada a notícias relacionadas à pandemia; mudança nos critérios de noticiabilidade.

A migração do trabalho presencial para o *home office* e, por conseguinte, o uso de ambientes digitais, através das TICs, como forma de redação virtual, provocaram impactos sentidos pela equipe, que não apenas tiveram como consequência mudanças de ordem técnica, como também transformações de caráter laboral, diretamente relacionadas ao fazer jornalístico enquanto agente social. Pôde-se notar, dessa maneira, que a sociabilidade outrora estabelecida pelos integrantes de maneira presencial, necessária à continuidade dos processos produtivos diários, foi diretamente impactada com a chegada da pandemia da Covid-19, e mais precisamente com a transformação da redação física para a virtual. Por consequência deste impacto, a sociabilidade foi garantida por meio das tecnologias descritas.

Além disso, a prioridade dada à produção de notícias diretamente relacionadas à pandemia e a modificação de critérios de noticiabilidade antes postos em prática, também podem ser consideradas como sendo novos cenários, observados no contexto analisado mediante pesquisa, impostos ao fazer jornalístico após o surgimento do novo coronavírus. Como se propôs analisar este artigo, desde o surgimento da pandemia, independente dos índices de gravidade ou não da Covid-19 no contexto local, essas mudanças seguem presentes nas rotinas produtivas em questão.

Também pode-se notar que os veículos de comunicação tradicionais, e aqui pontuados com mais ênfase os de webjornalismo, possuem relevante papel no combate a desinformação sobre a pandemia da Covid-19. A partir deste entendimento, os jornalistas envolvidos nas produções destes veículos não somente cumpriram o dever propriamente dito de informar, como também criaram mecanismos para garantir a prestação de serviço, necessária à preservação da vida a partir da prevenção de infecções pelo novo coronavírus. O caráter social do jornalismo profissional foi ainda mais evidenciado ao longo do período analisado.

O contexto estudado também foi responsável por alterar os critérios de noticiabilidade estabelecidos anteriormente. A partir da pandemia, os profissionais da equipe passaram a priorizar notícias diretamente ligadas ao assunto, focando a maior parte da produção nas matérias deste teor, independentemente de seu caráter geográfico. Dessa forma, é possível verificar a existência de um critério de relevância, estabelecido editorialmente, responsável por fazer com que a divulgação de notícias sobre a pandemia ocupasse o centro das produções no G1 Paraíba e Jornal da Paraíba, na conjuntura apresentada.

Ademais, é válido ressaltar que a realização deste estudo no contexto de emergência pode servir como norte para que empresas de comunicação, e mais especificamente as que

trabalham com webjornalismo, possam observar mais atentamente as consequências dos arranjos laborais aos produtos gerados ao longo da pandemia, e também aos jornalistas envolvidos na sua cobertura. Afinal, os profissionais entrevistados, bem como todos os demais que compõem a equipe pesquisada, mantiveram o trabalho em caráter emergencial. Tais observações podem auxiliar a criação de um ambiente ainda mais seguro, onde os profissionais saibam em quais pontos devem melhorar, e de que forma podem lidar com as mudanças impostas sem maiores prejuízos – o que não coube à investigação científica neste artigo.

REFERÊNCIAS

BORGES, Juliano. **Webjornalismo**; política e jornalismo em tempo real. 1. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

BRADSHAW, Paul. Instantaneidade: efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo**; 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014.

CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo**; 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014.

CERQUEIRA, Laerte José da Silva. **Saberes, linguagem e dispositivos didáticos**: as dimensões da função pedagógica do telejornalismo. Orientador: Alfredo Vizeu Pereira Júnior. 322 p. Tese (Doutorado em Jornalismo) – Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/32107>. Acesso em: 22 jul. 2021.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-Verdade**; a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Barueri: Faro Editorial, 2018.

BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. Editora Ática, 2004.

FERRARETO, Luiz Artur; MORGADO, Fernando. **Covid-19 e comunicação**; um guia prático para enfrentar a crise. Núcleo de Estudos de Rádio da UFRGS, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/213925>. Acesso em: 6 jul. 2021.

LE MOS, André. Celulares, funções pós-midiáticas, cidade e mobilidade. **Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana, Internet**, [s. l.], 2010. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/Urbe/article/view/5344/20871>. Acesso em: 31 jul. 2021.

LOPES, Flávia Valério. **A reconfiguração dos veículos tradicionais de informação frente à popularização das mídias sociais**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2020. Disponível em: https://codecamp.com.br/artigos_cientificos/veiculos-tradicionais-e-midias-sociais.pdf. Acesso em: 27 jul. 2021.

MAFFESOLI, Michael. **O Tempo das Tribos**; o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MARQUES, Ana Flávia; KINOSHITA, Jamir; MOLIANI, João Augusto. **Os arranjos de mídia alternativos e suas redações virtuais**. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, [s. l.], 2018. Disponível em: <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2018/paper/viewFile/1503/725>. Acesso em: 13 ago. 2021.

MICK, Jacques; KIKUTI, Andressa. O mundo do trabalho de jornalistas no Brasil; uma agenda de pesquisa. **PLURAL: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/179830>. Acesso em: 19 jun. 2021.

NICOLETTI, Janara. **Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação: proposta de um modelo de análise**. Orientador: Jacques Mick. 2019. 298 f. Tese (Doutorado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/215446>. Acesso em: 4 ago. 2021.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

NONATO, Cláudia; FELÍCIO, Fernando Pachi; FIGARO, Roseli. Relações de comunicação em novos arranjos alternativos e modelos de produção da notícia. **Revista eletrônica do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero**, [s. l.], 2018. Disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/956/965>. Acesso em: 11 ago. 2021.

NUNES, Maíra Fernandes Martins. **Tempo e linguagem no webjornalismo**. 2018. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal Fluminense, UFF, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://www.ufrgs.br/infotec/teses%2005-06/resumo_3844.html. Acesso em: 8 set. 2021.

OLIVEIRA, Aline Barbosa; OLIVEIRA JUNIOR, André Luis Barbosa de; BATISTA, Bruna Martins; CARNEIRO, Bruna Raquel Couto; ROLIM, Carla Francielly Miranda; CRISPINIANO, Maria Jordana Nascimento; LIMA, Verônica Almeida de Oliveira. **Jornalismo como atividade essencial: uma análise das rotinas produtivas de tv em campina grande durante a pandemia de Covid-19**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, [s. l.], 2020. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-1900-1.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2021.

PEREIRA, Ligia Tesser; WOITOWICZ, Karina Janz. Rotinas profissionais e transformações das redações: abordagens teóricas e releituras das dinâmicas jornalísticas na contemporaneidade. **Revista Comunicare**, [s. l.], 2019. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2019/12/rotinas-profissionais-e-transformacoes.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

RODRIGO-ALSINA, M. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SALAVERRÍA, Ramón. La convergencia tecnológica en los medios de comunicación: retos para el periodismo. **Trípodos**, [s. l.], 2008. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/39028971.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2021.

SANTANA, M. J. S.; TEMER, A. C. R. P. Jornalismo de serviço: um aporte teórico em construção. **Comunicação & Informação**, Goiânia, 2015. DOI: 10.5216/35716. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/35716>. Acesso em: 1 ago. 2021.

SIMMEL, G. **Simmel**; sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Editora Ática, 1983.

SIQUEIRA, Fabiana; MONTEIRO, Patrícia (org.). **Jornalismo em tempos de pandemia: reconfigurações na TV e na Internet**. *E-book* (225 p.). Disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/ppj/contents/livros/jornalismo-em-tempos-de-pandemia.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2021.

SOLON, Marina; ARAÚJO, Mayara; RODRIGUES, Naiana; NUNES, Márcia Vidal. O trabalho de mulheres jornalistas durante a pandemia da Covid-19: um estudo de caso dos reordenamentos produtivos no Ceará. **INTER-LEGERE**, [s. l.], 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/53780>. Acesso em: 22 ago. 2021.

TRAQUINA, N. **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Florianópolis: Insular, 2012.

VIZEU, Alfredo. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. **Revista FAMECOS**, 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6321>. Acesso em: 1 ago. 2021.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1999.

ZATTAR, Marianna. Competência em informação e desinformação: critérios de avaliação do conteúdo das fontes de informação. **Liinc em Revista**, Internet, v. 13, p. 285-293, 2020. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/4075/3385>. Acesso em: 30 jul. 2021.

ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) – JORNALISMO

ARRANJOS LABORAIS NO WEBJORNALISMO DO G1 PARAÍBA E JORNAL DA PARAÍBA A PARTIR DA PANDEMIA DA COVID-19

Eixo 1 – Rotinas produtivas (ENTREVISTADOS 1 E 2)

1. Como era a rotina produtiva antes da pandemia?
2. O que foi diretamente modificado com o início da pandemia na rotina produtiva do veículo?
3. Na sua opinião, o que mais foi impactado a partir da pandemia? Um setor, a linha editorial... Porque?
4. Quais cuidados foram necessários para prevenir contágios pela Covid-19 durante sua rotina de trabalho?
5. Na empresa, os cuidados de prevenção foram estabelecidos pela empresa ou por você?
6. A demanda de trabalho, no que diz respeito a quantidade de materiais produzidos, foi impactada?
7. O tempo de trabalho sofreu alguma modificação? Se sim, porque?
8. A relação com os entrevistados foi modificada? Se sim, de que forma?
9. A interação com os demais jornalistas da equipe foi alterada, em comparação ao período anterior à pandemia?
10. Qual o papel das TICs nesse processo? Elas foram canais de comunicação e produção?

Eixo 2 – Subjetividades (ENTREVISTADOS 1 E 2)

1. Na sua opinião, qual o maior desafio neste período?
2. Você passou a enxergar o trabalho jornalístico de forma diferente? (essencial)
3. Você sentiu medo de continuar trabalhando?
4. Você sentiu que seu vínculo profissional poderia estar ameaçado?
5. Resuma sua experiência profissional na pandemia.

Eixo 3 – Gestão (ENTREVISTADO 2)

1. Quais as mudanças sanitárias de prevenção à Covid-19 estabelecidas de maneira imediata e orientadas pelos gestores aos jornalistas, no início da pandemia?
2. O que foi considerado para determinar a adoção e, posteriormente, o fim ou manutenção do regime de trabalho home office?
3. Sabemos que, a partir da pandemia, houve uma necessidade de informar ao público o contexto de dados e informações relacionadas ao coronavírus, e principalmente, à sua prevenção. A partir disso, pode-se afirmar que os critérios de noticiabilidade (proximidade geográfica, relevância, serviço, etc) foram modificados neste período?
4. Se você pudesse elencar outro critério de noticiabilidade, considerado a partir da pandemia, qual seria? Porque?
5. Com relação à crise financeira enfrentada também pelos veículos de comunicação, em algum momento, houve risco de desligamento ou perda da função de membros da equipe? Se sim, isso foi passado para os funcionários?

AGRADECIMENTOS

Sempre ouvi do meu avô Germano Carneiro que a gratidão a Deus abre portas. Foi o que me guiou até aqui. Fui grata ao sentir que o Jornalismo seria a escolha certa; ao saber que estudaria na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); e durante todos estes anos de graduação, fui grata por cada pessoa que cruzou meu caminho e por cada oportunidade que me foi dada. Ao fim deste ciclo, não posso deixar de agradecer novamente a Deus, por ter me dado tamanha força e determinação diariamente, especialmente quando achei que não conseguiria chegar até o fim. Para Ele são todas as coisas.

Além da gratidão a Deus, preciso expressar meu eterno reconhecimento aos meus pais, Jário e Mônica, que tanto lutaram para me proporcionar todas as possibilidades de felicidade que estivessem ao seu alcance, desde sempre. Nunca terei como dimensionar a admiração que construí ao longo desses anos, os vendo abrir mão de tantas coisas para que eu tivesse a melhor vida. Nada disso seria possível sem o apoio e força de vocês. Eu os amo.

Também não posso deixar de agradecer a minha família, especialmente a minha irmã Brenda por toda compreensão neste processo, e aos meus tios Vitória e Manoel, que de forma ainda mais presente também me deram toda assistência possível para que a graduação fosse um sonho real. Da mesma forma, aos meus avós, Maria José e Severino, e Maria Augusta (*in memoriam*) e Germano, por toda força transmitida, mesmo de longe.

Não menos importante, registro meus mais sinceros agradecimentos ao meu querido namorado Pedro Farias, com quem tive o privilégio de compartilhar todos estes anos de graduação, e de forma ainda mais intensa, estes últimos meses de produção mútua dos nossos TCC 's. Suas palavras de ânimo e gestos de carinho traduzem o cuidado de Deus para comigo. Que seja apenas nossa primeira grande aventura juntos.

Agradeço também a todos os professores com quem tive a honra de aprender enquanto estudante de Jornalismo pela UEPB. Em especial, a minha querida orientadora Verônica Oliveira, que não apenas me guiou de forma brilhante ao longo da produção desta pesquisa, como também me acolheu como filha, ouvindo e aconselhando sempre que necessário. De alguma forma, Deus sempre me presenteou com professores ímpares.

Aos amigos da igreja e familiares. Aos meus colegas e amigos de turma, que dividiram comigo suas jornadas e fizeram parte desta história. Igualmente, aos meus colegas e amigos da Rede Paraíba de Comunicação, cujo trabalho árduo em favor da população, principalmente ao longo desta pandemia, me inspirou a escrever o presente artigo. Que possamos seguir firmes na busca por um mundo mais justo para todas as pessoas através do Jornalismo profissional.